

Formas pronominais dos paradigmas de *tu* e de *você* em estruturas de complementação e de adjunção nos séculos XIX e XX: evidências históricas do português brasileiro escrito

Pronominal forms of the *tu* and *você* paradigms in complementation and adjunction structures in the 19th and 20th centuries: historical evidence from written Brazilian Portuguese

Márcia Cristina de Brito Rumeu*
Davi José dos Santos**

RESUMO

Neste artigo, apresentamos panoramicamente as estratégias pronominais de 2^a pessoa do singular em estruturas de complementação e de adjunção produtivas em cartas pessoais oitocentistas e novecentistas. Com base nos parâmetros da sociolinguística histórica (Hernández-Campoy & Schilling, 2012), acompanhamos, a partir de amostras da escrita de redatores brasileiros, a diversificação de pronomes não-sujeito em estruturas de complementação e de adjunção. As estruturas de complementação prevalecem a partir de núcleos verbais que predicam as estruturas dativas. Identificamos formas nucleadas pelo *você*, em cartas de *você-sujeito*, o que nos sugere a confirmação da discussão de Lopes *et al.* (2009) acerca da inserção

Recebido em 25 de outubro de 2024.

Aceito em 18 de dezembro de 2024.

<https://doi.org/10.18364/rc.2025n68.1442>

* Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais
marcia.rumeu@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0001-9254-976X>

** Universidade Federal de Minas Gerais
davi4jose@gmail.com, <https://orcid.org/0009-0001-0206-429X>

do *ocê* pelos demais contextos sintáticos (não-sujeito), com distintos níveis de produtividade. Constatamos ainda a convivência de formas do paradigma de *tu* com formas do paradigma de *ocê* até mesmo na escrita íntima de redatores desenvoltos em relação aos modelos de escrita e à depreensão dos parâmetros da norma-padrão.

PALAVRAS-CHAVE: Estruturas de complementação. Estruturas de adjunção. Pronomes não-sujeito. Formas dos paradigmas de *tu* e de *ocê*. Segunda pessoa do singular.

ABSTRACT

In this article, we present an overview of the second-person singular pronoun strategies in productive complementation and adjunction structures in personal letters from the 19th and 20th centuries. Based on the parameters of historical sociolinguistics (Hernández-Campoy & Schilling, 2012), we followed, using samples of Brazilian writers' writing, the diversification of non-subject pronouns into complementation and adjunction structures. Complementation structures prevail based on verbal nuclei that predicate dative structures. We identified forms nucleated by *ocê* in letters of *ocê*-subject, which suggests confirmation of the discussion by Lopes *et al.* (2009) about the insertion of *ocê* in other syntactic contexts (non-subject), with different levels of productivity. We also note the coexistence of forms of the *tu* paradigm with forms of the *ocê* paradigm even in the intimate writing of writers who are well-versed in writing models and in understanding the parameters of the standard norm.

KEYWORDS: Complementation structures. Adjunction structures. Non-subject pronouns. Paradigm forms of *tu* and *ocê*. Second person singular.

Considerações iniciais

O contexto sintático de *sujeito* tem se deixado evidenciar, em análises linguísticas com diversificadas amostras textuais (Rumeu, 2013; Silva, 2012; Souza, 2012; Lopes & Cavalcante, 2011; Chaves, 2006; Rumeu, 2004) como o principal caminho de inserção do *ocê* no sistema pronominal do português brasileiro (doravante PB) escrito de sincronias passadas (séculos XVIII, XIX e XX). Assim sendo, dirigimo-nos, neste texto, aos contextos de *complementação* e de *adjunção* como caminhos que também foram trilhados pelo *ocê* (*não-sujeito*) na referência à 2ª pessoa do singular (doravante 2SG). Justificamo-nos em relação à opção pela análise do *ocê* em estruturas de

complementação e de adjunção em virtude do fato de o uso do *você-sujeito* já estar amplamente irradiado no espaço geográfico do Brasil, conforme o levantamento de Scherre *et al.* (2015), voltado à uma sistematização das análises acerca da dinâmica variável *tu/você* na fala contemporânea brasileira. Isso posto, assumimos que o objetivo principal desta análise é trazer à cena algumas evidências históricas não só da alternância entre os pronomes não-sujeito vinculados ao paradigmas de *tu* e de *você*, mas também do nível de inserção do *você* pelos contextos de complementação e de adjunção em sincronias passadas do PB.

Embasados em amostras de cartas pessoais produzidas por três redatores brasileiros (um redator carioca (Carlos Aguiar), um redator mineiro (João Pinheiro) e um redator paulista (Mario de Andrade)), conduzimo-nos pelas seguintes questões: (I) Formas conduzidas pelo item gramatical *você* se deixariam entrever, com mais força, através das relações gramaticais de complementação ou de adjunção? (II) Com qual tipo de núcleo predicador (verbal ou nominal) as formas do paradigma de *você* seriam mais produtivas? (III) As formas pronominais vinculadas ao paradigma de *você* se deixariam sobressair nos contextos textuais de *você-sujeito* exclusivo, mostrando-se, pois, como construções formalmente simétricas, cf. estabelece a tradição gramatical? Ao orientarmo-nos não só por tais questões motivadoras deste estudo, mas também pelos resultados de análises históricas sobre o processo de gramaticalização de *você*, sintetizamos as respectivas conjecturas. São elas: (I) Antevemos que, mais uma vez, o contexto de complementação conduzido por predicação verbal mostre-se profícuo também nas cartas brasileiras analisadas, em conformidade aos resultados de Rumeu (2014) e de Rumeu & Oliveira (2016); (II) Prevemos que o âmbito da complementação verbal dativa funcione como um relevante contexto à produtividade do *você não-sujeito*, conforme discutido por Rumeu (2014), por Rumeu (2020), para as cartas mineiras oitocentistas e novecentistas e por Rumeu & Oliveira (2016), para as cartas cariocas novecentistas; (III) Os pronomes não-sujeito do paradigma

de *ocê* se sobressairiam nas cartas de *ocê-sujeito* exclusivo, cf. Lopes *et al.* (2009), por Rumeu (2020), Rumeu & Oliveira (2016) e Rumeu (2014).

Estruturamos este texto em cinco seções. Inicialmente, apresentamos três questões principais para as quais temos as respectivas conjecturas a serem confirmadas ou infirmadas neste estudo. Na 1ª seção, apresentamos os pressupostos teórico-metodológicos que conduzem o trabalho de seleção, leitura e levantamento de amostras textuais no âmbito da sociolinguística histórica. Na 2ª seção, descrevemos as amostras históricas dos séculos XIX e XX diversificadas ainda em relação à origem dos três redatores brasileiros (um mineiro, uma paulista e um carioca). Na 3ª seção, apresentamos os contextos de complementação e de adjunção como os parâmetros que conduzem esta análise linguística. Na 4ª seção, apresentamos a distribuição geral dos dados de pronomes não-sujeito de 2SG principalmente em relação às estruturas de complementação e de adjunção. Na 5ª seção, temos os resultados dos pronomes não-sujeito correlacionados aos pronomes-sujeito de 2SG nas cartas brasileiras em análise. Por fim, chegamos a algumas generalizações em relação aos contextos de complementação e de adjunção como *caminhos* pelos quais formas pronominais não-sujeito nucleadas pelo *ocê* se deixam evidenciar em sincronias passadas do PB escrito.

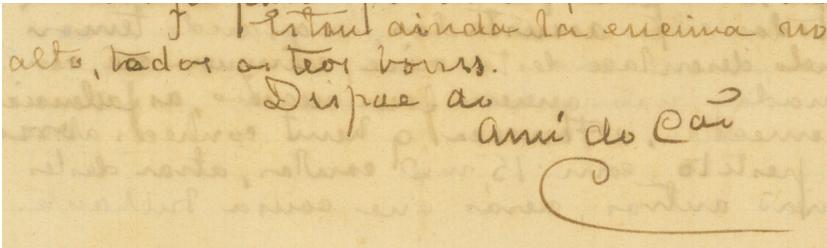
1. Pressupostos teórico-metodológicos: a sociolinguística histórica e as amostras.

A justeza dos resultados das análises linguísticas embasadas em fontes históricas está conduzida por parâmetros do levantamento e de seleção de amostras de sincronias passadas. Isso quer dizer que tais critérios conservadores de leitura e de edição das cartas históricas é imprescindível aos interesses do linguista-pesquisador voltado ao PB escrito em sua expressão vernacular que acessamos justamente porque se mostram passíveis de consulta no interior dos acervos públicos e privados (Lima, Marcotulio & Rumeu, 2019).

Considerando que as línguas são movidas pelos potenciais da variação e da mudança, que como forças inerentes às línguas humanas, mostram-se funcionais também em realidades linguísticas pretéritas como evidência do princípio do *uniformitarismo da mudança* (Labov 1994), entendemos que caiba o esforço do linguista-pesquisador pela descrição de fenômenos linguísticos variáveis também em sincronias passadas. Tendo em vista o fato de a variação e a mudança também terem atuado no passado das línguas humanas, munimo-nos de alguns parâmetros para a construção de uma amostra histórica representativa de fases pretéritas da expressão linguística vernacular. Para isso, envolvemo-nos, principalmente, com a *autenticidade* (*authenticity*), a *autoria* (*authorship*) e a *validade social e histórica* (*social and historical validity*) das fontes nos termos de Hernández-Campoy & Schilling (2012).

A *autoria* dos textos históricos é uma categoria imprescindível à identificação da representatividade de uma dada fonte em relação às variedades da língua portuguesa (brasileira ou lusitana). Para isso, voltarmos às especificidades dos traços paleográficos (Núñez Contreras, 1994; Spina, 1977), a fim de identificarmos se temos em análise textos autógrafos (os traçados de quem escreve o texto e o assina são os mesmos), apógrafos (o traçado do texto é distinto do traçado de quem o assina) ou ideógrafos (traçados distintos como expressão de uma *autoria intelectual*). Neste artigo, trazemos à análise amostras de cartas pessoais autógrafas de brasileiros nascidos no Rio de Janeiro (Carlos Nunes de Aguiar (doravante CA)), em Minas Gerais (João Pinheiro (doravante JP) e em São Paulo (Mário de Andrade (doravante MA)). À título de exemplificação, apresentamos excertos das cartas de tais autores com o intuito de evidenciarmos que a letra de quem escreve a carta é a mesma em relação à letra de quem a assina, evidenciando tratar-se de testemunhos originais e autógrafos.

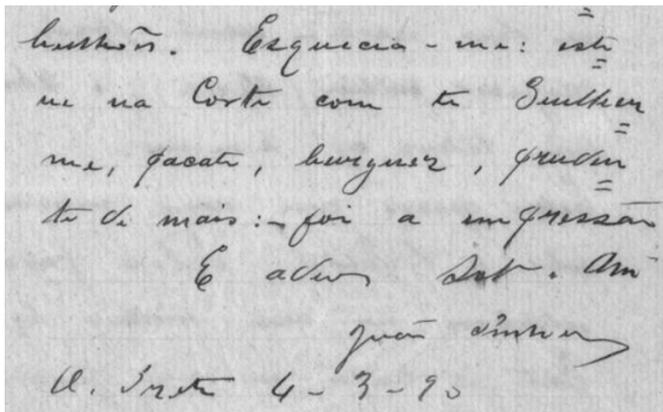
Imagem 1: Carta de CA ao amigo Rui Barbosa. RJ, 01.12.1893.



“[...] Estou ainda la encima no alto, todos os teos bo[m]s. Dispoe do amigo do Co[ra]ção Carlos”

(CA. RJ, 01.12.1893.)

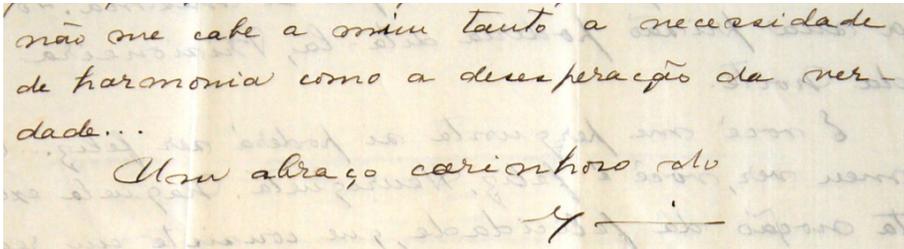
Imagem 2: Carta de JP ao tio. Ouro Preto, MG, 04.03.1890.



“[...] Esquecia-me: estive na Corte com ti Guilherme, pacato, burguez, prudente de mais: - foi a impressão. E adeos sobrinho amigo João Pinheiro”

(JP. Ouro Preto, MG, 04.03.1890)

Imagem 3: Carta de MA a poetisa Henriqueta Lisboa. RJ, 27.08.1940.



“[...] não me cabe a mim tanto a necessidade de harmonia como a desesperação da verdade [...] Um abraço carinhoso do Mario”

(MA. RJ, 27.08.1940)

Um outro parâmetro relevante ao processo de levantamento e de seleção das amostras históricas é a *autenticidade* das fontes. Considerando que o desejo do linguista-pesquisador é o de vislumbrar, através do filtro da escrita (Romaine 1982 [2010]), o vernáculo de sincronias passadas, restamos, no interior dos arquivos, fontes que tendem a habitualmente nos revelar a expressão escrita de punhos bem exercitados também em relação à norma-padrão. Acrescentemos ainda o fato de as fontes escritas em sincronias pretéritas mostrarem-se suscetíveis aos traços de hipercorreção, de mistura dialetal e de “erros” (Labov 1994, p. 11), o que pode obstaculizar, em algum nível, a expressão do vernáculo (norma objetiva), ainda que estejamos conscientes de que, no interior dos acervos e arquivos, restam-nos tão somente indícios positivos em relação aos textos que resistiram à ação da passagem do tempo. Considerando o intuito de estudarmos o PB escrito de sincronias passadas a partir de fontes autênticas em relação à expressão vernacular, ilustramos algumas evidências tais como a convivência do *tu* com o *você* (imagens 4, 5, 6 e 7) a partir também de formas dos paradigmas de *tu* (“ficares”, “junto de ti”,) e de *você* (“Você tome uma deliberação”, “chorando com você”, “reduzir você”).

Imagem 4: Carta de CA ao amigo Rui Barbosa. RJ, 01.12.1893.

“[...] espero também que *Você* tome uma deliberação, ou vir ou ficar, por que sem isto não me moverei daqui, se *ficares* hai, definitivamente irei [...]”

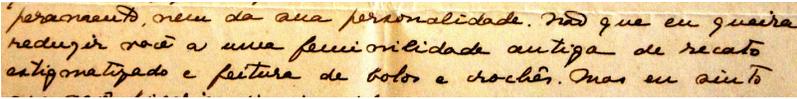
(CA. RJ, 01.12.1893)

Imagem 5: Carta de JP ao amigo E. Caeté, MG, 29.12.1896.

“[...] chorando *com Você* meo amigo! a tua immensa desgraça! Ainda outro dia em tua casa, ella tão feliz com seus filhinhos, juncto *d. ti*...”

(JP. Caeté, MG, 29.12.1896)

Imagem 6: Carta de MA a amiga HL. SP, 03.08.1944I



personas, nem da sua personalidade. Não que eu queira
reduzir você a uma feminilidade antiga de recato
estigmatizado e feitura de bolos e crochês. Mas eu sinto

“[...] Não que eu queira reduzir *você* a uma feminilidade antiga de recato estigmatizado e feitura de bolos e crochês. [...]”

(MA. SP, 03.08.1944)

Uma vez que tenhamos em análise amostras históricas originais e autógrafas, redigidas e assinadas por brasileiros nascidos e/ou residentes nos espaços do Rio de Janeiro (CA), Minas Gerais (JP) e São Paulo (MA) a partir das quais é possível entrevermos evidências da norma de uso do PB, entendemos se tratar de fontes social e historicamente válidas. Assim sendo, acreditamos atender também o parâmetro do da validade social e histórica, o que é viabilizado sem maiores incursões por pesquisas genealógicas, uma vez que temos em cena redatores cujos perfis sociais são facilmente reconstruídos (Labov, 1994). Trata-se de três redatores genuinamente brasileiros de cujas penas (parafraçando o Professor Fernando Tarallo) tenderam a escorrer o PB brasileiro escrito nas suas eras oitocentista e novecentista (Tarallo, 1993).

2. Descrição das amostras: as cartas pessoais em análise.

Com o intuito estudarmos as estruturas de complementação e de adjunção de 2SG no PB escrito de sincronias passadas, voltamo-nos às 71 cartas pessoais, sendo 10 cartas produzidas por um redator carioca (CA), 21 cartas de amizade, redigidas por um redator mineiro (JP) e 40 cartas delas confeccionadas por um redator paulista (MA), cf. sintetizamos no quadro 1.

Quadro 1: Descrição das amostras históricas: cartas pessoais oitocentistas e novecentistas.

Acervos	Autores	Anos	Subgênero textual da carta pessoal			
			Amor	Familiar	Amizade	Total
FCRB (RJ)	Carlos Aguiar (CA)	1886 - 1907	-	-	10	10
APM (MG)	João Pinheiro (JP)	1869 - 1908	4	6	11	21
AEM (SP)	Mário de Andrade (MA)	1940 - 1945	-	-	40	40
Total	3 redatores	1882-1945	4	6	61	71

Fonte: Quadro elaborado pelos autores deste texto.

Com o intuito de descrevermos a inserção do *você* no sistema pronominal, tendo em vista especificamente os contextos gramaticais de complementação e de adjunção, levantamos dados, em 71 missivas, todas redigidas, entre os anos de 1882 e 1945, por punhos brasileiros. Dentre elas, estão 40 cartas produzidas pelo ilustre paulista Mario de Andrade, 21, por João Pinheiro, notável político mineiro e 10, pelo carioca Carlos Aguiar, amigo íntimo do ex-senador da República Rui Barbosa.

O redator CA trava uma relação de amizade com o ilustre Rui Barbosa. Nessas missivas, temos um redator do qual não se tem tantas informações biográficas, mas parece se tratar de um informante com algum domínio da língua escrita, considerando as suas atuações como Militar e Jornalista, cf. discutido por Callou & Rumeu (2021, p. 241) através das suas pesquisas nos acervos da Fundação Casa de Rui Barbosa onde se encontram, por sua vez, os originais manuscritos dessas cartas. As 10 missivas redigidas, entre os

anos de 1893 e 1907, por CA ainda estão em processo de transcrição e revisão (Carmo, Barbosa & Lucena, 2019).

O redator JP nasceu na cidade do Serro, em 1860, e faleceu, em 1908, na cidade de Belo Horizonte, em meio ao seu mandato como governador do Estado de Minas Gerais. Concluiu o Ensino Superior, na Faculdade de Direito de São Paulo, tendo atuado como advogado, político e professor. Temos em cena um redator mineiro cujas contribuições parecem estar ancoradas principalmente no âmbito da política mineira. Para este estudo, munimo-nos de parte das cartas editadas por Luz (2015). Trazemos à análise 21 cartas de JP que estão distribuídas pelas relações de amizade, em 11 cartas, de amor, em 4 cartas, e entre familiares, em 6 cartas.

Em relação ao redator MA, temos um perfil biográfico também facilmente resgatável. Trata-se de um célebre autor da literatura brasileira, nascido na cidade de São Paulo, em 1897, e falecido, em 1945, também no espaço paulista. Desde cedo, demonstrou interesse pelas artes, tendo estudado piano, teoria da música e filosofia no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, do qual, posteriormente, tornou-se professor. Consagrado como o pai do modernismo brasileiro, foi uma das principais personalidades da Geração de 22, ao lado de Anita Malfatti e Oswald de Andrade, por transgredir os preceitos da literatura da época, nutrindo um intenso interesse por uma escrita brasileira. As 40 cartas redigidas por MA estão sob a guarda do Acervo dos Escritores Mineiros. Trata-se de cartas pessoais marcadas por relações de amizade travadas, no período de 1940 a 1945, entre o redator paulista e os também expoentes mineiros da literatura brasileira, Murilo Rubião, em 7 cartas, e Henriqueta Lisboa, em 33 cartas.

Neste estudo, o objetivo principal é delinear panoramicamente os contextos de complementação e de adjunção pelos quais o *você* se mostre produtivo, em sincronias passadas, a partir de cartas pessoais de redatores brasileiros, nascidos em distintas localidades espaciais do Sudeste do Brasil (RJ, MG e SP), buscando também entrever a dinâmica da variação entre

formas dos paradigmas de *tu* e de *você* nos contextos de complementação e de adjunção.

3. Os contextos de complementação e de adjunção: parâmetros de análise.

As estruturas sintáticas de complementação estão condicionadas pelos núcleos lexicais (verbal e não-verbal) que os regem obrigatoriamente, compondo uma unidade sintática plena de sentido (Ilari *et al.* 2015, p. 173-174). No âmbito da complementação verbal, temos em análise, neste texto, as estruturas sintáticas de referência à 2SG que repercutem as funções acusativa, dativa e oblíqua (Duarte, 2003; Raposo, 2013). Neste texto, optamos por expor, em *itálico*, os dados dos pronomes não-sujeito de 2SG e, por sublinhar, os seus respectivos predicadores.

O *acusativo* é projetado por predicadores verbais que exigem dois ou três complementos, sendo um deles um argumento cliticizável através das formas pronominais *te*, *o/a*, prescindindo de preposição sob o rótulo de objeto direto na tradição gramatical. Trata-se de um complemento sintático cuja expressão semântica é a de paciente ou tema no exercício do seu papel temático. Nos termos da norma-padrão (norma subjetiva), o *tu-sujeito* deve harmonizar-se ao *te-acusativo* na referência ao interlocutor, ainda que tenhamos, como expressão da norma objetiva do PB, o *você-sujeito* combinado também ao *te-acusativo*, ao *você-acusativo* e aos *clíticos o/a* em referência à 2SG. Apresentamos, de (01) a (04), evidências de formas pronominais em função acusativa de 2SG promovidas pelos predicadores verbais *conhecer* e *reconhecer*.

(01) “[...] julgo mesmo que tua attitude deve ser a mais decidida e forte, *tu*_{suj.} *desanimares*, eu que *te* conheci tão grande e corajoso [...]” (CA. RJ, 10.04.1895)

(02) “[...] É certo que conheço *você* e isso me sossega. É certo também que logo no parágrafo seguinte *você*_{suj.} como que esclarece e resume [...]” (MA. SP, 02.12.1944.)

(04) “[...] Mas o que mais me encantou em você, desde que a “reconheci” pela primeira vez foi isto que você_{subj.} não consegue perder mesmo agora em que as suas cartas de Amiga, me confessam seus dramas [...]” (MA. RJ, 27.08.1940)

Na perspectiva da tradição gramatical, expressa também através da NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira), o complemento *dativo* é parcialmente contemplado, tendo em vista se tratar de um complemento de verbo indiretamente mediado por uma preposição, incluindo, nesse grupo, também as estratégias de complementação oblíqua. Por outro lado, a partir de uma perspectiva de análise estritamente linguística, o *dativo* é interpretado como um complemento verbal cliticizável através da forma pronominal *lhe*, projetado por predicadores verbais de dois ou três lugares. Em termos semânticos, o *dativo* é o alvo, o beneficiário da ação [+ animado]. Ilustramos, de (05) a (11), algumas evidências de pronomes-complemento em contexto dativo, tais como *lhe*, *te*, *a ti*, *a você* e *para você* projetados pelos predicadores verbais *enviar*, *retribuir*, *escrever* e *jurar*, respectivamente.

(05) “Meu Tio. [...] Desejo a sua boa saúde [...] Sotou tudo com desejava, e o resultado de meu exame do primeiro ano também enviei-lhe por meio d’ um jornal que o continha. [...]” (JP. SP, 08-09.06.1884)

(06) “[...] Estes recibos vão em envelope separado. [...] uma vez se extraviarão contas correntes da mesma Casa Laemert que eu te-enviei. [...]” (JP. RJ, 25.10.1891)

(07) “[...] a ti enviamos nossas saudades e maior respeito, gratidão [...]” (CA. RJ, 22.04.1895)

(08) “Feca Agradeço e retribuo a Você e a Dona Emilinha os ventos que me-fases. [...]” (JP. Caeté, MG, 03.05.1903)

(09) “[...] Hoje não posso escrever pra você [...]” (MA. SP, 27.12.1943)

(10) “Minha Helena. Antes d. hontem te escrevi por um cartão mandando a chave da caixinha que o Comendador-mor Attrayde levou com o serviço do chá. [...]” (JP. RJ, 09.11.1890)

(11) “[...] A menina morreu, Henriqueta, *te juro* que morreu, não salvou ninguém, nem você adquiriu um sentimento de maternidade. [...]” (MA. RJ, 16.04.1940)

O complemento verbal *oblíquo* assume a forma de um sintagma preposicionado não-dativo, repercutindo a sintaxe dos casos genitivo e ablativo latinos. Na perspectiva do gramático Rocha Lima, anterior à NGB, a interpretação acerca do oblíquo nuclear é a de que se trata de um sintagma preposicionado como um complemento obrigatório de um dado predicador verbal, nutrindo-o de sentido, mas não-cliticizável, cf. também discutido por Ilari *et al.* (2015), Raposo (2013), Duarte & Brito (2003). De (12) a (14), apresentamos evidências do complemento oblíquo projetadas pelos verbos *falar* (“de ti”, “de você”) e *lembrar* (“de ti”).

(12) “[...] todo mundo fallou bem *de ti*, disião admiral-o [...]” [CA. RJ, 01.01.1895]

(13) “[...] vamos falar um pouco *de você* [...]” [MA. RJ, 27.08.1940]

(14) “[...] e por isso lembrando a todo o momento *de ti*, minha Helena [...]” [JP. RJ, 09.11.1890]

No âmbito das estruturas sintáticas da adjunção, temos a projeção implementada pelo predicador (verbal e não-verbal), vinculado a um constituinte em função oblíqua não-obrigatória. Apresentamos, de (15) a (18), evidências de estruturas oblíquas de adjunção em relações sintáticas não-obrigatórias articuladas aos predicadores verbal e nominal. Nesses casos em análise, temos os verbos *viver* e *escrever* e o substantivo *coisa* como os responsáveis pela projeção não-obrigatória de relações sintáticas oblíquas de 2SG, marcadas pelos sintagmas preposicionados *contigo* (“viver *contigo*”), *para você* (“*ella* vive *para você*”), *sobre você* (“escrevi *sobre você*”) e *de você* (“alguma coisa *de você*”).

(15) “[...] Pudesse eu viver isolado *com tigo* e meu filho [...]” [JP. RJ, 15.02.1891]

(16) “[...] Mas *para Você*, meo infeliz amigo, *ella* vive d. certo [...]” [JP. Caeté, MG, 29.12.1896]

(17) “[...] Hoje saiu o artigo que escrevi sobre você [...]” [MA. SP, 11.07.1941]

(18) “[...] Esta minha rua, tem pra mim alguma coisa de você [...]” [MA. SP 20.05.1945]

As estruturas sintáticas preposicionadas medeiam os argumentos e os adjuntos em relação ao seu respectivo predicador (verbal ou não-verbal) no PB. No que diz respeito aos *oblíquos complementos*, entendemos, em conformidade com Ilari *et al.* (2015, p. 172-181), que a preposição é conduzida por seu constituinte complemento, como expomos de (12) a (14). Por outro lado, nas *estruturas de adjunção*, a “natureza do adjunto” é responsável também por recrutar a preposição, conforme ilustramos de (15) a (18).

Consideremos, em (19) e (20), o constituinte oblíquo adjunto de 2SG gramaticalmente consubstanciado em relações sintáticas predicativas também levantadas nas amostras de cartas oitocentistas e novecentistas analisadas. Trata-se de dados levantados em cartas novecentistas cariocas, devidamente discutidos por Rumeu & Oliveira (2016, p. 40), uma vez que, nas cartas brasileiras em análise, levantamos pouquíssimos dados de pronomes não-sujeito em estruturas predicativas, expostos, neste texto, na seção destinada à discussão dos resultados.

(19) “[...] Os retratos já devem estar com você até você ficou na serra [...]” (MRC. Paulo de Frontim, 01.10.1936)

(20) “[...] e hoje que é Domingo recebi 4 carta 3 é de você e 1 é do meu irmão Zezinho [...]” (MRC. Paulo de Frontim, 11.10.1936)

Considerando o fato de o paradigma pronominal do PB ter assumido novas formas gramaticalizadas, tais como o *você* e o *a gente*, pronomes pessoais do caso reto (pronomes-sujeito) de 2SG e 1PL, respectivamente, identificamos repercussões morfossintáticas também no sistema de possessivos (Lopes 2007). Assim sendo, observamos que a referência à posse

em relação à 2SG que, por sua vez, em termos etimológicos só poderia ser atendida a partir do possessivo *teu/tua*, passou a ter a forma *seu* também na referência ao interlocutor, cf. discutido por Lopes (2007). Trata-se, pois, de uma consequência direta do fato de o *você* ter se inserido no paradigma pronominal do PB como um pronome de referência semântica à 2SG, mas que ativa a concordância com formas de 3SG. Voltando o nosso escopo de análise especificamente à 2SG, temos as formas *tu/você* (nominativo) e *teu/seu* (genitivo). Além da expressão do possessivo simples, através das formas *teu/você*, temos as estruturas “de possessivo” (“eu sinto falta [de você] aqui”/“eu sinto a tua falta”) como sua expressão perifrástica, cf. Marcotulio *et al.* (2015), à luz também das discussões de Lopes (2007), Moura Neves (1996). Neste texto, buscamos levantar possíveis evidências de construções “de possessivo” em missivas brasileiras oitocentistas e novecentistas, ainda que estejamos conscientes do fato de que a discussão aprofundada dessa consequente inserção do *você* no sistema pronominal do PB mereça mais espaço de discussão e análise acerca dos traços formais e semânticos da expressão de posse a partir não só do possessivo simples, mas também do perifrástico.

4. Distribuição geral dos dados na escrita brasileira oitocentista e novecentista: os pronomes não-sujeito de 2SG nos contextos de complementação e de adjunção.

Considerando a projeção de um panorama variável de formas pronominais não-sujeito de 2SG vinculadas aos paradigmas de *tu*, de *você*, de *vós*, de *vossa mercê* e o zero, correlacionamos as estratégias pronominais não-sujeito de 2SG aos âmbitos da complementação, da adjunção e das estruturas “de possessivo” (tabela 1).

1 Dado de fala de homem, idoso, Ensino Fundamental, século XXI (Amostra Copacabana), discutido por Marcotulio *et al.* (2015), advindo do *Corpus* Concordância (CC), cf. Vieira, Brandão & Mota (2008 *apud* Marcotulio *et al.* 2015).

Relações gramaticais		Formas pronominais não-sujeito de 2SG													
		Paradigmas			Você			Vós			V.m ^{sc}		Zero		
		te	para ti	a ti	prep+ti	lhe	você	para você	a você	prep+vc o/a	vos	v.m ^{sc}	0		
Complementação 271/317 (86%)	Acus.	23/47	-	-	1/47	-	1/47	14/47	-	2/47	3/47	2/47	1/47	-	-
		48,94%	-	-	2,13%	-	2,13%	29,79%	-	4,26%	6,38%	4,26%	2,13%	-	-
	Dat.	43/196	2/196	1/196	1/196	-	119/196	-	6/196	14/196	1/196	4/196	-	6/196	-
		21,93%	1,02%	1,02%	-	-	60,71%	-	3,06%	7,14%	1,02%	2,04%	-	3,06%	-
	Obl.	-	1/28	-	9/28	-	-	-	-	18/28	-	-	-	-	-
COMP.	-	3,57%	-	32,14%	-	-	-	-	64,29%	-	-	-	-	-	
Total		80/271			178/271						6/271		1/271		6/271
		29,53%			65,68%						2,21%		0,37%		2,21%
Adjunção 26/317 (8,20%)	Obl.	-	-	-	6/26	-	-	3/26	-	16/26	-	-	1/26	-	
	ADJ.	-	-	-	23,08%	-	-	11,54%	-	61,54%	-	-	3,84%	-	
	Total	6/26	-	-	19/26	-	-	-	-	-	-	-	1/26	-	
		23,07%	-	-	73,07%	-	-	-	-	-	-	-	3,86%	-	
	Estr.	-	-	-	1/2	-	-	1/2	-	-	-	-	-	-	
Predic.	-	-	-	50%	-	-	50%	-	-	-	-	-	-		
Estruturas															
"de possessivo"		-	-	-	-	-	-	-	-	18/18	-	-	-	-	
		100%													
18/317 (5,8%)															
Total Geral		66/317	3/317	2/317	15/317	121/317	14/317	10/317	16/317	52/317	4/317	6/317	2/317	6/317	
		21,14%	0,95%	0,63%	4,42%	38,17%	4,42%	2,84%	5,05%	16,72%	1,26%	1,89%	0,63%	1,89%	
		86/317			217/317						6/317		2/317		6/317
	27,13%			68,45%						1,89%		0,64%		1,89%	

Tabela 1: Pronomes não-sujeito de 2SG distribuídos pelos contextos de complementação e de adjunção.

Fonte: Tabela elaborada pelos autores deste texto.

De um modo geral, verificamos que as formas pronominais de 2SG prevalecem em estruturas de complementação, 86% (271/317 oco), ainda que em alternância, em distintos níveis, nos âmbitos da adjunção, 8,20% (26/317 oco) e das estruturas "de possessivo", 5,8% (18/317 oco). No que se refere

às estratégias de pronomes não-sujeito que se mostram mais produtivas nas cartas brasileiras analisadas, temos as formas *lhe* (38,17%, 121/317), *te* (21,14%, 66/317) e *prep+você* (16,72%, 52/317), cabendo às demais estratégias inexpressivos índices percentuais. Parece-nos um panorama interessante, uma vez que nos evidencia a convivência de formas do paradigma de *tu* (*te*) com formas do paradigma de *você* (*lhe*, *prep+você*) na produção escrita de redatores habilidosos em relação não só ao traçado, mas também no que se refere ao domínio da norma-padrão, considerando que os três informantes cujas cartas estão em análise estão nas cenas da história linguística e social no espaço brasileiro. São eles: o político mineiro João Pinheiro, atuante também como advogado e professor, o renomado autor da literatura brasileira modernista Mario de Andrade e o redator carioca Carlos Aguiar, atuante nos âmbitos militar e do jornalismo, o que *lhe* coloca em contato, nas cartas de amizade em análise, com o renomado político, jurista, advogado, diplomata e ex-senador da República, o baiano Rui Barbosa.

No contexto das estruturas de complementação, observamos as estruturas dativas (195/317) como as proeminentes em relação às formas vinculadas ao paradigma de *você* (140 oco), seguidas pelas formas do paradigma de *tu* (45 oco), pelo dativo nulo (6 oco) e por formas do paradigma de *vós* (4 oco). Dentre as estratégias pronominais dativas do paradigma de *você* temos a prevalência do *lhe* (60,71%, 119/196) que, por sua vez, não só se mostra em convivência com os sintagmas preposicionados *a você* (7,14%, 14/196), *para você* (3,06%, 6/196), mas também com uma única ocorrência (1,02%) do clítico “o”, forma etimologicamente representativa do acusativo de 3SG. De (21) a (24), temos evidências de tais formas pronominais de 2SG em contexto de complementação dativa projetadas pelos predicadores *escrever*, *desejar*, *comprar* e *dizer*.

(21) a. “[...] Deixe, Henriqueta, deixe isto passar, depois *lhe escrevo* [...]” (MA. RJ, 27.12.1940)

b. “[...] Dezejo-lhe completa ventura: ella constitui a minha [...]” (JP. Ouro Preto, MG, 21.12.1869)

(22) “[...] Aproveito a pureza pra escrever a você [...]” (MA. SP, 20.05.1945)

(23) a. “[...] mas comprei um corte d. seda *para você* [...]” (JP. RJ, 15.02.1891)

b. “[...] Hoje não posso escrever pra você [...]” (MA. SP, 27.12.1943)

(24) “[...] Em todos os meus exames, sempre aprovado plenamente e algumas vezes distintamente, estas notas digo-o com orgulho – devo-as ao estudo e á protecção nunca. [...]” (JP. SP, 08-09.06.1884)

Ainda no âmbito das estruturas de complementação verbal dativa de 2SG, passamos às evidências de formas pronominais do paradigma de *tu*. Nesse contexto, prevalece o *te*, em 21,93% (43/196), cf. ilustramos em (25). Levantamos ainda evidências das formas preposicionadas *a ti* e *para ti*, cf. apresentamos em (26), (27) (28), respectivamente. Para (27), temos um dado de dativo, caso interpretemos o verbo “*ter*” como o predicador (“*tel-a*”) que tem como complemento acusativo o clítico “*a*” em referência à “*carta*” possivelmente destinada ao interlocutor cuja referência parece estar expressa através do sintagma preposicionado “*a ti*”. Interessante é o fato de o predicador verbal “*ter*”, na sequência “*tel-a para ti*” em relação ao “*algo tido*” (*a carta*) cujo alvo/beneficiário está consubstanciado no sintagma *para ti*. Com baixas frequências de uso, 2,04% e 3,06%, respectivamente, temos o *vos* (4/196 oco) e o *dativo nulo* (6/196 oco), cf. ilustramos em (29) e (30). Nesses contextos de relações sintáticas dativas de 2SG, temos as formas *escrever*, *enviar*, *rogar* e *pedir* como prototípicos ditransitivos, ao passo que coube à perífrase verbal *vai ser* (*será*) e ao verbo *ter* as projeções da forma pronominal preposicionada *para ti*, em (27) e (28), respectivamente.

(25) a. “[...] *Te escrevi* a 15 do passado [...]” (CA. RJ, 01.12.1893)

b. “[...] sempre *te-escrevo* na hora d. deitar [...]” (JP. RJ, 09.11.1890)

c. “[...] A menina morreu, Henriqueta, *te juro* que morreu [...]” (MA. RJ, 06.04.1940)

(26) “[...] muitas e muitas saudades, *a ti* enviamos nossas saudades [...]”
(CA. RJ, 22.04.1895)

(27) “[...] Não tem de que se arrepender em enviar cartas para o Jornal do Commercio, tenho achado poucas, devía ser uma ou duas por dia continue, va assim que vai muito bem Fallas-me em preparar queentel-a² para ti, creio que não faltará logo que chegues que tempo precioso estaes perdendo [...]” (CA. RJ, 10.04.1895)

(28) “[...] não deixes as meninas ahi nem brincando, sem elles aqui vai ser um tormento *para ti* [...]” (CA. RJ, 01.01.1895)

(29) “[...] Rogo-vos responder-me immediatamente para tomar uma deliberação qualquer [...]” (JP. SP, 08-09.06.1884)

(30) “[...] e se fôr do teo agrado, peço 0 uma carta tua de fiança, caso queira passar [...]” (MA. 30.12.1903)

Para as estruturas acusativas de 2SG, observamos também maior produtividade das formas pronominais vinculadas ao paradigma de *você* tais como *você* (29,79%, 14/47 oco), *o/a* (6,38%, 3/47), *a você* (4,26%, 2/47) e *lhe* (2,13%, 1/47). De (30) a (33), trazemos evidências de tais formas pronominais do paradigma de *você* em contexto de complementação verbal acusativa projetadas pelos predicadores verbais *adorar*, *convidar*, *admirar*, *reconhecer*, *ter*, *ferir* e *elogiar*, verbos essencialmente transitivos diretos. Em (32a) e (32b), temos as duas únicas ocorrências do sintagma preposicionado *a você* projetados pelos verbos transitivos diretos *ter* (“tivesse eu *a você*”) e *ferir* (“fatalidade d. *te-ferir* assim *a Você*”) em estruturas de complementação verbal, produzidas pelo mesmo redator mineiro JP, em diferentes cartas, sendo a última uma estrutura de redobro de clítico de 2SG, tipicamente mineira, cf. discutido por

2 Os editores informam através de nota de rodapé a seguinte informação: “[...] Cabe ressaltar que o missivista escreve a palavra “queentel-a” como se fosse um verbo, pois separa a vogal “a” com hífen, assim como faz com os verbos que possuem clíticos, como “vê-la”.”

Duarte & Diniz (2012, p. 92) em relação à fala mineira contemporânea. O fato de os dados de redobro de clítico se deixarem evidenciar em cartas enviadas por JP a sua esposa e a um amigo parece-nos ilustrar a pertinência do uso de cartas pessoais como um instrumento de captação de dados da norma de uso da fala brasileira contemporânea, similares a sequência “Eu vou *te_i* levá *ocê_i* lá”, em amostras de fins do século XIX (1891 e 1896). Em (33), apesar de o predicador *elogiar* ser um predicador do tipo transitivo direto, temos, em uma carta do carioca CA, uma única estrutura de complementação verbal ativada através do clítico *lhe*.

(30) “[...] E você me perdoou e eu adorei *você* [...]” (MA. SP, 01.03.1943)

(31) a. “[...] E convido-o, para não me-fazer abortar os planos [...]” (JP. Ouro Preto, MG, 06.01.1888)

b. “[...] todo mundo fallou bem de ti, disião admiral-o [...]” (CA. RJ, 01.01.1895)

c. “[...] o que mais me encantou em você, desde que a “reconheci” pela primeira vez [...]” (MA. RJ, 27.08.1940)

(32) a. “[...] Não tivesse eu a *você* e talvez nem quisesse viver! [...]” (JP. RJ, 15.02.1891)

b. “[...] Por que havia esta desgraçada fatalidade d. te-ferir assim a *Você* a *tua* santa esposa e aos *teos* filhinhos?! [...]” (JP. Caeté, MG, 29.12.1896)

(33) “[...] A impressão aqui foi magnífica, todo o mundo *lhe* elogia com grande entusiasmo [...]” (CA. 02.06.1907)

Para as formas acusativas voltadas ao paradigma de *tu*, observamos a prevalência do *te*, em 48,94% dos dados (23/47 oco) projetados pelos predicadores verbais *ferir* (34a), *considerar* (34b), *aborrecer* (34c), em oposição a uma única ocorrência do sintagma preposicionado *a ti* (2,13%) projetado pelo predicador verbal *ter* (35). Passamos, em (34) e (35), às evidências de tais formas pronominais em contexto de acusativo de 2SG.

- (34) a. “[...] havia esta desgraçada fatalidade d. *te-ferir* assim *a Você* [...]” (JP. Caeté, MG, 29.12.1896)
- b. “[...] não podes imaginar a impressão que tens feito aqui entre o povo, considere-te o homem mais notável da conferência [...]” (CA. RJ, 17.11.1907)
- c. “[...] Não estou *te aborrecendo*, contando demais? [...]” (MA. SP, 30.01.1942)
- (35) “[...] Não tivesse eu *a você* e talvez nem quisesse viver! [...] Não tivesse eu *a ti*, e te digo de coração, daria por completa a minha tarefa [...]” (JP. RJ, 15.02.1891)

Ao analisar as estruturas expostas em (34a) e (35), verificamos que, em (34a), temos a convivência de formas do paradigma de *tu* (*te*) na função de complementação verbal acusativa (“*te-ferir*”) com formas do paradigma de *você* (“*te-ferir* assim *a você*”) em estrutura do redobro cujo clítico de 2SG é retomado na forma do sintagma preposicionado “*a você*” (“havia [...] d. *te-ferir* assim *a você* [...]”), cf. discutido por Cruz (2017, p. 79) à luz de Duarte e Diniz (1992) e já exposto também em (32). Em (35), temos dados de sintagmas preposicionados vinculados aos paradigmas de *tu* (“Não tivesse eu *a ti*”) e de *você* (“Não tivesse eu *a você*”), projetadas pela mesma forma verbal, “tivesse”, compondo estruturas simétricas em relação à referência semântica à 2SG, ainda que formalmente distantes, cf. também levantado e discutido por Cruz (2017).

Ainda no âmbito das estruturas de complementação acusativa, temos tão somente duas ocorrências de forma do paradigma de *vós* (2/47, 4,26%) e uma única ocorrência do paradigma de *vossa mercê* (1/47, 2,13%), conforme ilustramos de (36) a (38). Os dados de *vos* (“*vos ver*”, “*vos encontrar*”) e de *vossa mercê* (“*vá encontrar a vossa mercê*”) estão em cartas escritas por JP ao seu tio, especificando a relação de assimetria social em questão a partir da escolha de formas pronominais respeitadas como as vinculadas aos paradigmas de *vós* e de *vossa mercê*. Em (38), observamos um único dado do sintagma preposicionado “*a vossa mercê*” como expressão de um complemento acusativo, projetado pelo verbo transitivo direto “*encontrar*”.

(36) “[...] Grande prazer terei se esta *vos encontrar* na fruição de perfeita saúde [...]” (JP. Nossa Senhora do Porto, 10.01.1868)

(37) “[...] Depois que para este lugar vim jamais tive a satisfação de *vos ver* [...]” (JP. Nossa Senhora do Porto, 10.01.1868)

(38) “[...] Muito heide estimar que estas tortas linha vá *encontrar a Vossa merce* gozando perfeita saúde [...]” (JP. Ouro Preto, MG, 21.12.1869)

Em termos gerais, as estruturas oblíquas de complementação (28 oco) aproximam-me quantitativamente às oblíquas de adjunção (26 oco). Dentre as relações oblíquas de complementação, observamos que as formas vinculadas ao paradigma de *você* (*prep+você*) mostram-se em tão somente dezoito ocorrências (64,29%, 18/28). Apresentamos, em (39) e (40), algumas evidências da forma *prep+você* em contexto de complementação verbal oblíqua projetada pelos predicadores verbais “precisar” e “gostar”, respectivamente. Evidenciamos ainda as formas de *prep+ti* e de *para ti* que como formas do paradigma de *tu* mostram-se em 9 ocorrências (32,14%) e 1 ocorrência (3,57%), respectivamente. Em (41) e (42), temos evidências das formas pronominais *prep+ti* (9/28, 32,14%) projetadas pelo predicador nominal “saudades” e pelo predicador verbal “lembrar”, respectivamente. Em relação à forma *para ti*, identificamos tão somente duas ocorrências, em estruturas de complementação oblíqua. Ilustramos, em (43), uma delas projetadas pelo predicador nominal “conveniente”.

(39) “[...] Mande e nem de longe receie me atrapalhar, sou eu que *preciso de você* [...]” (MA. RJ, 24.02.1940)

(40) “[...] E *gosto* sempre *de você*, neste abraço [...]” (MA. SP, 28.05.1941)

(41) “Ha dias como este de hoje que tenho *de ti* muitas *saudades* [...]” (JP. RJ, 14.02.1891)

(42) “[...] e por isso *lembrando* a todo o momento *de ti*, minha Helena [...]” (JP. RJ, 09.11.1890)

(43) “[...] mais eu acho isto muito *conveniente para ti* [...]” (CA. RJ, 10.04.1895)

No que se refere ao contexto da adjunção, temos as relações sintáticas oblíquas com baixíssimas frequências de uso. Dentre as estratégias pronominais, identificamos que as formas do paradigma de *você*, mais uma vez, se sobressaem através das formas *prep+você* (16/26 oco, 61,54%) e *para você* (3/26 oco, 11,54%). Em (44), apresentamos uma evidência de *prep+você* e, de (45) a (47), as três únicas ocorrências de *para você*, como expressão de estratégias pronominais em função oblíqua de adjunção. No contexto de *prep+você*, temos a sua projeção a partir da forma verbal “escrevi” cuja grade argumental prevê obrigatoriamente um *algo* escrito (acusativo) a *alguém* (dativo), cabendo ao assunto da escrita o *status* de argumento oblíquo opcional, projetado, pois, no âmbito da adjunção. Também temos, em (45), um oblíquo adjunto projetado pelo verbo *viver* ao qual o sintagma preposicionado *para você* está articulado no nível da adjunção (“*para você* [...] ela vive”). Ainda no âmbito da adjunção, observamos o predicador nominal *problema* a que o sintagma preposicionado *para você* está opcionalmente articulado, em (46), no nível da adjunção. Em (47), observamos uma sequência de sintagmas nominais “Ouro, insenso e mirra” como expressão de uma predicação de caráter nominal com a qual a forma *para você* está articulada também no nível da adjunção.

(44) “Henriqueta Hoje saiu o artigo que escrevi sobre você [...]” (MA. SP, 11.07.1941)

(45) “[...] Mas *para Você*, meo infeliz amigo, ella vive d. certo [...]” (JP. Caeté, MG, 29.12.1896)

(46) “[...] é o seu maior problema e muito mais problema para você que para a maioria das mulheres intelectuais que conheço em nosso meio. [...]” (MA. RJ, 27.08.1940)

(47) “[...] Henriqueta, Ouro, insenso e mirra para você. Seus versos. Antes de mais nada: ótimos. [...]” (MA. SP, 06.01.1942)

Ainda no âmbito da adjunção, temos baixíssimas ocorrências do sintagma preposicionado *prep+ti* (6/26) como forma do paradigma de *tu* e tão somente uma única ocorrência de *vossa mercê* em contexto de oblíquo adjunto. Apresentamos, em (48) e (49), evidências em contexto de relação gramatical oblíqua de adjunção articulada aos núcleos (verbal) “viver” e (nominal) “visita” com os quais estão articulados opcionalmente, no nível da adjunção, as formas preposicionadas *contigo* e *a vossa mercê*.

(48) “Pudesse eu viver isolado *com tigo* e meu filho [...]” (JP. RJ, 15.02.1891)

(49) “*A Vossa Mercê* a minha visita, d. Amigo sobrinho João Pinheiro [...]” (JP. Ouro Preto, MG, 06.01.1888)

Em função predicativa, temos a forma pronominal *para você* (*pra você*) vinculada a um núcleo nominal (“problema”) cuja estrutura tende a equacionar o sujeito à estratégia pronominal *pra você*, cf. ilustramos em (50). Em (51), também temos a função predicativa estruturada a partir também do verbo *ser* que, por sua vez, não predica, cabendo, pois, ao item lexical *possível*, na estrutura “*ser possível*”, a função de predicar, articulado opcionalmente, no nível da adjunção, ao clítico pronominal *lhe* (“*ser possível* [a ti]/[a você]/[para ti]/[para você]”).

(50) “[...] mas si eu digo que o seu problema o é mais *pra você* [...]” (MA. RJ, 27.08.1940)

(51) “[...] Se não *lhe-for possível* servir-me, o que póde acontecer sem má vontade [...]” (JP. SP, 08-09.06.1884)

No que se refere às estruturas “de possessivo” de 2SG, temos, nessa amostra de dados de língua escrita, tão somente 18 ocorrências de formas pronominais preposicionadas nucleadas pelo pronome *você*. Ilustramos, em (52) e (53), dados do sintagma preposicionado *de você* regidos e articulados

aos nomes “carta” (“carta de você”) e “expressão” (“expressão de você”), refletindo assim as estruturas possessivas “tua carta” e “tua expressão”, respectivamente.

(52) “[...] pretendia escrever a outro amigo porem achei a carta de você [...]” (MA. SP, 22.01.1943)

(53) “[...] Sua última carta veio admirável como expressão de você [...]” (MA. RJ, 27.08.1940)

5. Os pronomes não-sujeito correlacionados aos contextos de pronomes-sujeito de 2SG nas cartas brasileiras

A análise da correlação entre as funções de sujeito (*tu* e *você*) e de não-sujeito (complementos e adjuntos) está ancorada na atual dinâmica variável entre as formas *tu/você* do PB, cf. Scherre *et al.* (2015). Acrescenta-se o fato de que seja possível entrever, em distintos níveis, a variação entre as formas pronominais dos paradigmas de *tu* (*te, prep+ti, a ti, para ti*) e de *você* (*lhe, o/a, você, a você, para você, prep+você*) principalmente, cf. já discutido por Rumeu (2020), Lopes e Cavalcante (2011), Rumeu (2015), Oliveira (2014), Sousa (2014) em suas análises voltadas às amostras de língua escrita em sincronias passadas (séculos XIX e XX).

Pronomes-sujeito de 2SG	Formas pronominais não-sujeito de 2SG				
	Paradigmas				
	Tu (<i>te, para ti, a ti, prep+ti</i>)	Você (<i>lhe, o/a, você, para você, a você, prep+ você</i>)	Vós (<i>vos</i>)	Vossa mercê (<i>a v.m^{es}</i>)	Zero
Cartas de <i>vossa mercê</i> -suj. exclusivo	2/9 (22,22%)	1/9 (11,11%)	5/9 (55,56%)	1/9 (11,11%)	-
Cartas de <i>você</i> -suj. exclusivo	14/206 (6,80%)	192/206 (93,20%)	-	-	-
Cartas de <i>tu</i> -suj. exclusivo	14/22 (63,64%)	6/22 (27,27%)	1/22 (4,55%)	-	1/22 (4,55%)
Cartas mistas (<i>tu/você</i>)	53/61 (86,89%)	7/61 (11,48%)	-	-	1/61 (1,64%)
Cartas de FNT	4/20 (20%)	11/20 (55%)	-	1/20 (5%)	4/20 (20%)
Total	86/317 (27,13%)	217/317 (68,14%)	6/317 (1,89%)	2/317 (0,63%)	6/317 (2,21%)

Tabela 2: Pronomes não-sujeito distribuídos pelos contextos de sujeito de 2SG.

Fonte: Tabela elaborada pelos autores deste texto.

De um modo geral, observamos que as formas do paradigma de *você* (*lhe, você, para você, a você, prep+você, o/a*) prevalecem, nas cartas de *você*-sujeito, em 64,98% dos dados (206/317). Nesse contexto de cartas de *você*-sujeito exclusivo, temos ainda evidências de formas dos paradigmas de *você*, em 93,20% (191/206) e de *tu* (*te, para ti, a ti, prep+ti*), em 6,80% dos dados (14/206). Se, por um lado, esses dados tendem a nos evidenciar uma tendência a uma homogeneidade formal, expressa através da prevalência de formas pronominais do paradigma de *você* em cartas de *você*-sujeito, observamos, por outro lado, a convivência de formas do paradigma do *tu* etimológico com formas nucleadas pelo *você*, expondo o *você* como um legítimo pronome

pessoal, orientando semanticamente à VSG [-EU], cf. discutido também por Lopes & Rumeu (2007). Em (54) e (55), temos dados de formas dos paradigmas de *você* e de *tu* em cartas do *você-sujeito*:

(54) “[...] e aliás já lhe preveni várias vezes que uma das falhas de minha incapacidade é o gênero de ficção que *você*_{subj.} faz. É certo que conheço *você* e isso me sossega [...]” (MA. SP, 02.12.1944)

(55) “[...] Elle te-escreverá e *você*_{subj.} extranhe na resposta [...]” (JP. RJ, 25.10.1891)

Nas cartas mistas, identificamos a coexistência de pronomes não-sujeito dos paradigmas de *tu* e de *você* como os pronomes-sujeito *tu* e *você*. Esses dados nos parecem especialmente interessantes, porque o *você* passou, em sua história de formação, por um processo, gradual e paulatino, de mudança categorial (*mercê* > *vossa mercê* > *você*). Considerando a dinâmica *tu/você* na fala brasileira contemporânea, em distintos espaços do Brasil (Scherre *et al.*, 2015), observamos a produtividade do *você* ao lado do *tu*, que é a forma etimologicamente prevista para a referência ao sujeito de 2SG. Nas amostras em análise, temos sessenta e uma ocorrências de pronomes não-sujeito distribuídas entre formas do paradigma do *tu* (86,89%, 53/61), do paradigma do *você* (11,48%, 7/61) e formas do zero (1,64%, 1/61), nas cartas de JP, redator mineiro, em fins do século XIX, e de CA, um redator carioca cuja cartas estão entre fins do século XIX e a 1ª década do século XX. Apresentamos, de (56) a (60), dados que ilustram formas do paradigma de *você* (*a você*, *prep+você*), do paradigma de *tu* (*prep+ti*, *te*) e dados do zero.

(56) “[...] Meo caro Edmundo Nem sei, meo infeliz amigo, que palavras d. consolação nesta hora *para*

Você tão escura, possa eu descobrir que te levassem o conforto de que *precisas*_{subj.} [...] Por que havia esta desgraçada fatalidade d. te-ferir assim *a Você* a tua santa esposa e aos teos filhinhos?! [...] que *Você*_{subj.} não deixaria também soffrer nunca um filho meo... [...]” (JP. Caeté, MG, 29.12.1896)

(57) “[...] na mesma consciência da infinita fragilidad. d. todas as cousas...chorando com Você meo amigo! [...] Precisas_{sujeito} viver; acho conveniente que a Dona Nicota e o Neusinho venhão ficar uns tempos em tua casa cuidando dos meninos e que Você_{sujeito} venha passar uns tempos commigo. [...]” (JP. Caeté, 29.12.1896)

(58) “[...] Sancho pergunta sempre *por ti*, [...] espero tambem que Você_{sujeito} tome uma deliberação, ou vir ou ficar, por que sem isto não me moverei daqui, se ficares_{sujeito} hai, definitivamente irei [...]” (CA. RJ, 01.12.1893)

(59) “[...] se Você_{sujeito} aqui estivesse tinha muito trabalho, ja ves_{sujeito} que continuando isto como eu creio não te faltarão [...]” (CA. RJ, 10.04.1895)

(60) “[...] Tambem foram logo aproveitadas as photographias dos vasos que Você_{sujeito} mandou. [...] Se quizeres poderás_{sujeito} voltar no outro dia. Eu o avisarei por telegramma [...]” (JP. Caeté, MG, 28.01.1901)

Nas cartas de *tu-sujeito* exclusivo (6,94%, 22/317), temos a prevalência de formas do paradigma de *tu*, em 63,64% dos dados (14/22), mesmo que em convivência com formas do paradigma de *você*, 27,27% (6/22), com formas do *zero*, 4,55% (1/22), acompanhados ainda de uma única ocorrência de forma do paradigma de *vós*, 4,55% (1/22). Ainda que tenhamos observado uma dinâmica de uniformidade tratamental, temos indícios de formas do paradigma de *você* em contexto de *tu-sujeito*. Considerando a amostra de cartas em análise, observamos nas cartas de JP e CA, evidências da convivência de formas dos paradigmas de *tu* e *você* na produção escrita de redatores habilmente treinados em relação à norma-padrão em sua expressão escrita (um mineiro e um carioca, respectivamente). Apresentamos, de (61) a (64), dados de formas dos paradigmas de *tu*, de *você*, de *vós* e dados do *zero*, em cartas de *tu-sujeito* exclusivo.

(61) “[...] Não fôras tu_{sujeito}, minha terna companheira e a vida para mim seria detestavel! [...] Eu te-conheci, minha esperança carinhosa, eu te conheci em São Paulo! [...]” (JP. RJ, 14.02.1891)

(62) “[...] venho pedir-lhe um sacrificio de emprestarme 200:000 reis mais ou menos [...] Sendo isto possível, *farás*_{subj.} um acto de justiça e muita justiça [...]” (JP. SP, 08-09.06.1884)

(63) “[...] Sendo isto possível, *farás*_{subj.} um acto de justiça e muita justiça [...] Rogo-vos responder-me immediatamente para tomar uma deliberação qualquer [...]” (JP. SP, 08-09.06.1884)

(64) “[...] e se fôr do teo agrado, peço *o* uma carta tua de fiança, caso queira passar [...] Muito *tens*_{subj.} discursado, sua declaração sobre não ter recebido remuneração como ministro na questão do Acre [...]” (CA. Petrópolis, 30.12.1903)

Nas missivas de formas nominais de tratamento (FNT), observamos se tratar de tão somente vinte ocorrências (6% dos dados) em que prevalecem os pronomes não-sujeito vinculadas ao paradigma de *você*, 55% dos dados (11/20), acompanhados ainda de formas do paradigma de *tu* (4/20, 20%), de formas do zero (4/20, 20%) e de uma única ocorrência de forma do paradigma de *vossa mercê* (1/20, 5%). Nesse contexto, estão as cartas de JP e de CA, redatores brasileiros que também se mostram, por vezes, um tanto quanto mais conservadores em relação ao uso de uma FNT para com os seus interlocutores. Ilustramos de (65) a (68) evidências de formas dos paradigmas de *você*, de *tu*, de *vossa mercê* e da ausência pronominal (*zero*).

(65) “Meu Tio Luiz [...] Pois creia o meu tio que sem o-saber andou influenciando com motivo poderoso do meu referido golpe. [...] Afianço-lhe que se-mandarem a 1ª vez mandarão todos. [...]” (JP. Ouro Preto, MG, 06.01.1888)

(66) “Meo Amigo E. S. [...] Envio tambem uns papeis do Doutor Malta d. Cataguases a quem escrevo para te-mandar procuração ou ao Doutor Chaves [...]” (JP. Caeté, MG, 26.01.1893)

(67) “Meu Tio Luiz [...] A *Vossa Mercê* a minha visita d. Amigo sobrinho [...]” (JP. Ouro Preto, MG, 06.01.1888)

(68) “Tio Luiz [...] Que abysmo que é este coração humano ?! Peço *0* desculpar que eu me commova [...] Peço *0* desculpas. Ha de o tio Luiz com a maxima brevidade requerer em cartorio certidão da sentença [...]” (JP. Caeté, MG, 08.02.1893)

No contexto de *vossa mercê-sujeito* exclusivo, temos formas dos paradigmas de *vós*, em tão somente 5 ocorrências (5/9, 55,56%), formas do paradigma de *tu*, em duas (2/9, 22,22%), forma do sintagma preposicionado *a vossa mercê*, em uma delas (1/9, 11,11%) e uma única forma do paradigma de *você* (1/9, 11,11%). Ainda que tenham sido raros os dados de *vossa mercê*, parece-nos sintomático o fato de tais ocorrências terem prevalecido em combinação com formas do paradigma de *vós*, reverberando a semântica de tratamento respeitoso. Interessantes também são os dados de formas do paradigma de *tu* no contexto de *vossa mercê-sujeito*, o que nos evidencia a convivência do *tu*, etimologicamente marcado para a referência ao sujeito de 2SG, como uma FNT (*vossa mercê*), sendo esta forma tratamental a que se desgastou fonética e semanticamente (processo de gramaticalização), de modo a originar o *você* que, por sua vez, convive, em distintos níveis (Scherre *et al.*, 2015), com o *tu*, no PB atual. Ilustramos, de (69) a (72), evidências das formas dos paradigmas de *vós*, de *você*, de *vossa mercê* e de *tu*, respectivamente.

(69) “[...] Desejo-vos bôa saúde. [...] *Vossa merce*_{suj.} naturalmente deve admirar-se de tal resolução visto estar eu matriculado no 2º anno da Eschola de Minas [...]” (JP. Ouro Preto, MG, 10.02.1882)

(70) “[...] Dezejo-lhe completa ventura: ella constitui a minha. Não julge *Vossa merce*_{suj.} entereceiras estas exprecões [...]” (JP. Ouro Preto, MG, 21.12.1869)

(71) “[...] Não julge *Vossa merce*_{suj.} entereceiras estas exprecões [...] Muito heide estimar que estas tortas linha vá encontrar a *Vossa merce* (JP. Ouro Preto, MG, 21.12.1869)

(72) “[...] Não julge *Vossa merce*_{suj.} entereceiras estas exprecões [...] Sou Seo Sobrinho que te ama de coração [...]” (JP. Ouro Preto, MG, 21.12.1869)

Considerações finais

A análise dos pronomes não-sujeito de 2SG nos contextos de complementação e de adjunção em cartas pessoais oitocentistas e novecentistas permite-nos chegar às seguintes generalizações, tendo em vista as questões propostas e as respectivas conjecturas.

De um modo geral, o fato de as formas *lhe*, *te* e *prep+você* terem se mostrado as mais produtivas na referência à 2SG parece nos evidenciar uma inovação linguística consubstanciada não só na convivência de formas dos paradigmas de *tu* (*te*) e de *você* (*lhe*, *prep+você*), mas também no uso de formas pronominais vinculadas ao paradigma de *você*. Como temos em análise dados da produção escrita de proficientes redatores brasileiros, constatamos que definitivamente é improcedente a noção de “mistura de pronomes” prescrita no âmbito da norma-padrão.

As formas do paradigma de *você* não-sujeito seriam mais produtivas em contextos sintáticos estruturados com qual tipo de núcleo predicador (verbal ou nominal)? Antevemos que, mais uma vez, o contexto de complementação conduzido por um predicador verbal tenda a se mostrar como profícuo também nas cartas brasileiras analisadas, o que nos foi possível confirmar em consonância aos resultados de Rumeu (2014) e de Rumeu & Oliveira (2016). Assim sendo, observamos que a complementação a partir de um núcleo verbal mostra-se como um contexto que acompanha as formas do paradigma de *você*, ao passo que o contexto da adjunção parece frear a sua produtividade, ao menos, nas cartas brasileiras em análise, cf. também observado por Rumeu (2014) e por Rumeu & Oliveira (2016) em relação às cartas mineiras e às cartas cariocas novecentistas, respectivamente.

As formas nucleadas pelo item gramatical *você* (*você*, *para você*, *a você*) se deixariam entrever, com mais força, através das relações gramaticais de complementação ou de adjunção? Nas formas pronominais nucleadas pelo *você*, verificamos que tal fato fica evidente nos contextos de complementação verbal dativa (*a você*, *para você*) e acusativa (*você*) de 2SG (tabela 1). Esse

resultado corrobora, em parte, os resultados alcançados por Rumeu (2014), por Rumeu & Oliveira (2016) e Rumeu (2020) em relação ao contexto de dativo de 2SG como propulsor das formas do paradigma de *você*.

As formas pronominais não-sujeito vinculadas ao paradigma de *você* se destacariam nos contextos de *você-sujeito* exclusivo, mostrando-se, pois, como construções formalmente homogêneas? A hipótese é a de que a inserção do *você* no sistema pronominal do PB tenha se dado, com distintos níveis de produtividade, como pronomes não-sujeito, visto que o contexto de *sujeito* tenha sido o campo funcional de estreia do *você*, cf. Rumeu (2013), Lopes *et al.* (2009), Lopes e Cavalcante (2011), em seu processo gradual e paulatino de gramaticalização. Conjecturamos que o *você-sujeito* tenda a favorecer dados de formas do paradigma de *você não-sujeito*. Neste estudo, os dados de *você* não-sujeito prevalecem em contexto de *você-sujeito* (tabela 2), o que parece evidenciar que a difusão do *você* no sistema pronominal do PB tenha atingido todos os contextos sintáticos, ainda que com diferentes índices de produtividade, denotando velocidades distintas de inserção no sistema a depender do contexto sintático, cf. também discutido, à luz de Lopes *et al.* (2009), por Rumeu (2020), por Rumeu & Oliveira (2016) e por Rumeu (2014), em distintas amostras de cartas cariocas e mineiras dos séculos XIX e XX.

Estamos conscientes dos limites impostos pela natureza e pela quantidade das amostras linguísticas do PB, uma vez que lidamos, nesta análise, com os dados da produção escrita de tão somente três escreventes brasileiros de distintas naturalidades (um carioca (CA), um mineiro (JP) e um paulista (JP)). Por outro lado, acreditamos ter trazido à cena interessantes evidências da convivência entre as formas dos paradigmas de *tu* e *você* nos contextos da complementação e da adjunção, conduzidas muito mais pela força da referência à 2SG (traço de pessoa semântica) do que pelo preceito de uniformidade tratamental (nos termos da tradição gramatical), a partir da produção escrita de desenvoltos redatores brasileiros, em sincronias passadas do PB.

Referências

CALLOU, D. M. I.; RUMEU, M. C. B. Acerca da posição do adjetivo no sintagma nominal: variação e/ou mudança?. **Labor Histórico**, v. 7, p. 234-253, 2021.

CARMO, L.; BARBOSA, A. G.; LUCENA, R. **Cartas entre compadres: Carlos Nunes de Aguiar e Rui Barbosa**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa (no prelo).

CHAVES, E. **Implementação do Pronome Você: a contribuição das pistas gráficas**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

CRUZ, I. A. **A alternância tu/você em contextos sintáticos de complementação e de adjunção: estudo de cartas pessoais dos séculos XIX e XX**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2017.

DUARTE, I; BRITO, A. M. Predicação e classes de predicadores verbais. In. MIRA MATEUS, M. H.; BRITO, A. M.; DUARTE, I.; FARIA, I. H. **Gramática da Língua Portuguesa**. Lisboa: Editorial Caminho, p. 181-203, [2003] 2006.

DUARTE, I. Relações gramaticais, esquemas relacionais e ordem de palavras. In. MIRA MATEUS M. H.; BRITO, A. M.; DUARTE, I.; FARIA, I. H. **Gramática da Língua Portuguesa**. Lisboa: Editorial Caminho, p. 275-321, [2003] 2006.

DUARTE, F. B.; DINIZ, C. R. Eu te falei para você: redobro de pronomes? In: RAMOS, J. M.; COELHO, S. (Orgs.). **Português Brasileiro Dialectal: temas gramaticais**, São Paulo, Mercado de Letras, 2012, p. 91-102.

HERNÁNDEZ-CAMPOY, J. M.; SCHILLING, N. The application of the quantitative paradigm to Historical Sociolinguistics: problems with the generalizability principle. In: HERNÁNDEZ-CAMPOY, J. M.; CONDE-SILVESTRE, J. C. **The handbook of Historical Sociolinguistics**. Nova Jersey, EUA: Wiley-Blackwell, p. 63-79, 2012.

ILARI, R.; CASTILHO, A. T.; LEITÃO, M. L.; KLEPPA, L.; BASSO, R. A preposição. In: ILARI, R. **Gramática do Português Culto Falado no Brasil Vol. IV – Palavras de Classe Fechada**. São Paulo, Contexto, p. 163-310, 2015.

LABOV, W. Principles of linguistic change: internal factors. Oxford: Blackwell, 1994.

LIMA, A. X.; MARCOTULIO, L. L.; RUMEU, M. C. B. Experiências metodológicas em constituição de *corpora*: pistas para um pesquisador iniciante. In: CASTILHO, A. T. (org.). **História do português brasileiro: corpus diacrônicos do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, v. 2, p. 68-91, 2019.

LOPES, C. R. S. A gramaticalização de ‘a gente’ em português em tempo real de longa e de curta duração: retenção e mudança na especificação dos traços intrínsecos. **Fórum Linguístico**: Santa Catarina, v. 4, p. 47-80, 2007.

LOPES, C. R. S.; CALLOU D. M. I.; MARTELOTTA, M. E. T.; DUARTE M. E. L.; CAVALCANTE, S. R. O.; PAGOTTO, E. G. Sobre norma e tratamento em cartas a Rui Barbosa. In: AGUILERA, V. A. (org.). **Para a história do Português Brasileiro: Vozes/Veredas/Voragens**. Londrina: EDUEL, v. 7, p. 45-92, 2009.

LOPES, C. R. S.; CAVALCANTE, S. A cronologia do voçamento no português brasileiro: expansão de você-sujeito e retenção do clítico -te. **Linguística**, v. 25, p. 30-65, 2011.

LOPES, C. R. S.; RUMEU, M. C. B. O quadro de pronomes pessoais do português: as mudanças na especificação dos traços intrínsecos, In.: CASTILHO, A. T.; MORAIS, M. A. T.; LOPES, R. E. V.; CYRINO, S. (orgs.). **Descrição, história e aquisição do português brasileiro – Estudos dedicados a Mary Kato**. Campinas: Pontes Editores, p. 419-435, 2007.

LUZ, R. D. **O tratamento na produção epistolar de João Pinheiro da Silva: análise sociopragmática de tu x você e respectivas formas gramaticais**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Departamento de Letras, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2015.

MARCOTULIO, L. L.; ASSIS, D. M. S.; GUEDES, R. C. De-possessivos de 2ª pessoa na história do português brasileiro. **Diacrítica**, v. 29/1, p. 203-231, 2015.

MOURA NEVES, M. H. Possessivos. In: CASTILHO, A. T. (org.). **Gramática do português falado**. Campinas: Editora da Unicamp, vol. IV, p. 149-211, 1996.

NÚÑEZ CONTRERAS, L. **Manual de paleografia: fundamentos e historia de la escritura latina hasta el siglo VIII**. Madrid: Cátedra, 1994.

OLIVEIRA, T. L. **Entre o linguístico e o social: Complementos Dativos de 2ª pessoa em Cartas Cariocas (1880-1980)**. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

RAPOSO, E. B. P. Estrutura da frase. In: RAPOSO, E. B. P.; MOTA, M. A. C.; SEGURA, L.; MENDES, A. (orgs.). **Gramática do Português**. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, vol. I, p. 303-398, 2013.

ROMAINE, S. **Socio-historical linguistics: its status and methodology**. Cambridge University Press. New York, [1982] 2010.

RUMEU, M. C. B. ‘Tu’ ou ‘você’, ‘te’ ou ‘lhe’?: a correlação entre as funções de sujeito e complemento verbal de 2ª pessoa. *Linguística*, v. 31-2, p. 83-109, 2015.

RUMEU, M. C. B. *A difusão do você pelos contextos sintáticos de complementação e de adjunção*. Revista Portuguesa de Humanidades, v. 18, p. 91-114, 2014.

RUMEU, M. C. B. Para uma História do Português no Brasil: Formas Pronominais e Nominiais de Tratamento em Cartas Setecentistas e Oitocentistas. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

RUMEU, M. C. B.; OLIVEIRA, T. L. *A expressão da 2ª pessoa do singular em contextos de complementação e de adjunção: retratos do encaixamento estrutural e social*. *Linguística*, v. 32, p. 25-46, 2016.

RUMEU, M. C. B. Variation in the paradigms of ‘tu’ and ‘você’ subject and complements in letters from Minas Gerais, Brazil, 1860-1989. In: HUMMEL, H.; LOPES, C. R. S. (orgs). *Address in Portuguese and Spanish*. 1ª ed. GmbH, Berlin/Munich/Boston: De Gruyter, p. 227-249, 2020.

RUMEU, M. C. B. *Língua e sociedade: a história do pronome “você” no português brasileiro*. Rio de Janeiro: Ítaca, FAPERJ, 2013.

SCHERRE, M. M. P. Variação dos pronomes “tu” e “você”. In: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. (orgs.). *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, p. 133-172, 2015.

SILVA, E. N. *Cartas amorosas de 1930: o tratamento e o perfil sociolinguístico de um casal não-ilustre*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

SOUZA, C. D. *Eu te amo, eu lhe adoro, eu quero você: a variação das formas de acusativo de 2ª pessoa em cartas pessoais (1880-1980)*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

SPINA, S. *Introdução à edótica: crítica textual*. São Paulo: Cultrix, Edusp, 1977.

TARALLO, F. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d' aquém e d' além mar ao final do século XIX. In.: ROBERTS, I.; KATO, M. (orgs.). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp, p. 69-105, 1993.